

DIA 15 DE OUTUBRO: DIA DE REVOLTA, NÃO DE FESTA.

Não tínhamos o que comemorar. Festejar o que num dia 15 de Outubro onde professores têm suas casas invadidas pela polícia federal, são perseguidos, onde muitos ainda nem se recuperaram da sucessão de agressões sofridas nas ruas, onde mais de 400 trabalhadores da educação são ameaçados de demissão, da perda do salário que garante que seus filhos não morram de fome? Só tínhamos a nossa coragem, a nossa revolta, e com ela fizemos deste dia um dia histórico. **Este país não irá esquecer o dia 15 de Outubro de 2013**, quando o povo foi pra rua – 50 mil tomaram a Rio Branco –, encarou caveirão, choque, PM, lotou avenidas e enfrentou com alegria e ódio todo o aparato repressivo deste Estado assassino que tanto sangue já derramou. Com uma passeata que se iniciou na Alerj e atravessou o centro da cidade, demos uma grande aula de resistência e luta, de coragem e organização.



Viatura da PM foi incendiada pelos manifestantes.

Mas este dia não será lembrado apenas pela nossa luta. Dia 15 vimos o Estado avançar no terror e intensificar as medidas policiais que já estavam sendo tomadas: perseguições, prisões, torturas. Antes mesmo do dia 15 uma professora foi perseguida pela Polícia Federal por uma “possível relação com organizações que praticam o terror ao Estado”. 17 pessoas receberam mandados de busca e apreensão e a Interpol anunciou que está investigando grupos anarquistas do Rio. No dia 15, mais de 200 manifestantes foram presos, a ocupação da câmara foi destruída, alguns companheiros – inclusive professores – foram levados para hospitais e continuam lá. Tiros com armas letais foram feitos. Pessoas foram feridas e baleadas.

É importante lembrar também como começou a grande violência policial do dia 15. Quando já se aproximava das 20h e o ato terminava no **ritmo de festa e palanque dos partidos eleitorais**, centenas de pessoas encaminharam-se em direção a Alerj (percurso, inclusive, decidido em assembleia e atropelado pela direção) para **protestar contra a situação da educação estadual** e as perseguições aos professores. Ao cruzar a Rio Branco e passar pela Biblioteca Nacional, todos foram **VIOLENTAMENTE** atacados pelo choque que começou a tacar bombas nos manifestantes. Como o povo já não aceita ter seus direitos expropriados e ser espancado, houve resistência. Barricadas foram erguidas. Pedras foram utilizadas para a defesa da manifestação. Escudos garantiam o acesso à rua. Bandeiras negras agrupavam lutadoras e lutadores. Uma batalha foi montada. Enquanto a PM acelerava com sua repressão, o povo resistia, lutava. Foi assim por horas, até o início da madrugada. Um exemplo da resistência que teremos que fazer e da alta repressão que iremos encarar a partir de agora.

Quando o sindicato vira polícia do movimento

Há muito tempo denunciávamos a estrutura varguista dos sindicatos e seu atrelamento ao Estado. Mas, no atual momento, isso começa a se mostrar de modo mais evidente e perigoso. Lamentavelmente **a direção majoritária do SEPE cumpriu no dia 15 de Outubro o papel de Estado dentro da manifestação**. Além de acordos com o comando da polícia militar, a autorização da revista aos manifestantes e a reprodução de um discurso que divide professores e mascarados – divisão cultivada pela Globo e pela polícia para autorizar o massacre –, ela colocou no alto do carro de som uma representante do governo estadual, uma verdadeira P2 que passou todo o tempo fotografando manifestantes que ela identifica como “vândalos”. Se não bastasse esta **colaboração direta com a repressão**, diretores do sindicato reprimiam pessoas que estavam na passeata com sinalizadores, fazendo o mesmo que a mídia e o Estado fazem. Não podemos tolerar isso! Sindicato não é pra controlar e reprimir a revolta do povo, mas para lutar! A direção deste sindicato desde o início tem prejudicado as lutas ao **boicotar a greve do estado**, ao ignorar o acampamento na Alerj, ao atropelar decisões da assembleia, ao não fornecer materiais para divulgação, e agora se alia ao Estado para reprimir a luta do povo. Isso é imperdoável!

O grito de revolta! Cem mil nas ruas pela educação!

Dia 7 de Outubro de 2013. Quem esquecerá este dia? Após o despejo da ocupação da câmara, realizada pelos profissionais da educação da rede municipal, novamente a cidade do Rio se levantou, levando cem mil pessoas às ruas. Foi uma manifestação que entrou para a história do país (com a solidariedade de diversas cidades) e que nasceu de um contexto de lutas que vem desde os levantes de Junho e que foi acentuado numa semana de lutas e confrontos intensos entre o povo e o Estado. No dia 30 de Setembro, um grande ato foi realizado em solidariedade aos professores e funcionários agredidos. O povo tomou a Cinelândia, mostrou de que lado está, e quando saiu em passeata pela Avenida Rio Branco foi atacado pela PM. No dia seguinte, o outro braço do Estado – a Câmara municipal – atacou novamente o povo, aprovando em portas fechadas – e com uma cidade sitiada - o plano de cargos e remunerações encaminhado pelo prefeito. Estes dois dias, com o nível de violência cometido pela PM, poderiam ter se definido como um MASSACRE, mas não foram. Não foram, pois os profissionais da educação e demais manifestantes resistiram bravamente e nem as centenas de bombas, balas de borracha, cacetetes, choques, conseguiram apagar a revolta da categoria e de todas e todos que lá estavam para apoiar a luta da educação. Nestes dias de confronto, o que sobressaiu foi o poder que tem a organização dos trabalhadores, a mobilização de base e a capacidade do povo de se revoltar. Estamos nos fortalecendo a cada dia, estando cada vez mais preparados para mudar o país e construir o poder popular.

“Deixa passar a revolta popular”

A luta do dia 7 foi uma luta pela educação. Quem puxou o ato? Uma categoria? Um sindicato? Não, quem guiou as ruas foi a revolta do povo, sua indignação contra a violência cometida pelo Estado contra as educadoras e educadores na semana passada e contra todas as violências que o povo sofre todos os dias. O resultado não poderia ser outro: milhares na rua e centenas enfrentando todos os símbolos de opressão deste governo ditatorial. Ressaltamos: nenhuma pessoa foi ferida, nenhum morador de rua foi agredido, nenhuma pessoa foi vítima de racismo, nenhuma mulher foi expropriada de seu direito político, nenhum casal homo-afetivo foi agredido pelo seu direito de amar, nenhuma destas violências que o Estado comete diariamente foram cometidas. O que aconteceu então? Bombas foram atiradas numa casa - a câmara - que aprova leis sem participação do povo e contra ele; bancos que ganham bilhões em cima do nosso trabalho foram depredados; ônibus vazios, de empresas que lucram com o nosso sofrimento diário, foram incendiados; nós, trabalhadores, temos que reclamar disso? Não! O QUE PRESENCIAMOS HOJE FOI MAIS UM EXEMPLO DE REVOLTA POPULAR CONTRA ESTE GOVERNO QUE PRECISA CAIR. Não aguentamos mais este sistema e esta ditadura! por isso estamos lutando, por isso estamos combatendo, por isso estamos criando um mundo novo.



Não lamentamos a quebra da vidraça dos bancos, afinal, nós não somos banqueiros. São eles quem nos cobram juros altíssimos quando contraímos empréstimos, obrigados pelo salário de miséria que ganhamos. Não lamentamos pela Câmara dos Vereadores Carioca queimada. Afinal, não somos vereadores sujos que fazem acordos com o governo para aprovar um PCCR que nos humilha e explora. Não lamentamos o Clube Militar queimando.

Afinal, foram esses militares que em nome de uma suposta "ordem" explorou cada vez mais os trabalhadores desse país e torturou milhares de manifestantes que lutaram contra a DITADURA. Não lamentamos o ônibus incendiado. Afinal, não somos da Família Barata, que explora trabalhadores que realizam duas funções (motorista + trocador) e obriga os trabalhadores em geral a gastarem mais de 30% de seus salários miseráveis com transporte. É assustador ver grupos reproduzindo o discurso da Rede Globo e, praticamente, defendendo estes centros de opressão das bombas que receberam. Não queremos uma esquerda que serve de polícia entre nós! Temos agora, enquanto profissionais da educação, que nos organizar e fortalecer esta greve que não pode acabar. Não conquistamos nada ainda. Vamos fortalecer a luta e arrancar a vitória! Aumentar os piquetes! Combater a criminalização!